



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD

A ADEQUAÇÃO DA LINGUAGEM NO JORNAL *AQUI DF* EM BUSCA DO LEITOR-IDEAL

Renata Nogueira Alexandre da Silva¹

Resumo: Este trabalho busca apresentar a criação do leitor-ideal por meio da adequação da linguagem do jornal *Aqui DF* e quais são os critérios utilizados para tanto. Para isso, foi necessário um aporte teórico no sentido de compreender a noção de sujeito a partir de concepções linguísticas, ver o texto como prática discursiva e social da linguagem por meio da Análise do Discurso Crítica (ADC), definir noções de texto e gênero textual, pois, após essa definição, se terá suporte para que o revisor/editor de textos atue de modo que atenda ao público-alvo do jornal. A fim de obter os resultados do objetivo desta pesquisa, utilizou-se o método bibliográfico e a pesquisa de campo, com a coleta de publicações impressas do jornal, na qual a pesquisa ateu-se em estudar a capa (manchete e chamadas principais) e notícia relacionada a ela. A partir disso, observou-se que o léxico do jornal não é selecionado aleatoriamente e, devido à caracterização do gênero, o revisor de textos deve se ater a uma atuação crítica que considere o discurso, o gênero e a multimodalidade.

Palavras-chave: Leitor-ideal. Revisor de texto. Gênero textual. Análise do Discurso Crítica (ADC).

1 INTRODUÇÃO

Quando se trata do texto como prática discursiva, manifestada pela linguagem tanto falada quanto escrita, a Análise do Discurso Crítica (ADC) postula esse sistema como prática social e o discurso como sendo o modo de ação que interfere na constituição e na construção do mundo em significado. Além disso a ADC também vê o discurso como prática política e ideológica que estabelece as diversas relações de poder entre os sujeitos (FAIRCLOUGH, 2001). Sujeitos aos quais são direcionados os discursos bem como por meio destes aqueles são construídos.

¹ Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Católica de Brasília. Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto, sob orientação da Profa. Dra. Solange de Carvalho Lustosa.

Neste trabalho, visamos analisar a construção do leitor-ideal do jornal *Aqui DF* a partir da adequação da linguagem para atingir um público específico. Com isso é importante buscar compreender as concepções de sujeito que a língua adota, pois, com a noção de sujeito e a percepção de como a linguagem atua a partir dele na sociedade, terá base para compreender o seu funcionamento e como o jornal o constrói e o seleciona.

Desse modo, o artigo tem como objetivos principais: descrever a noção de sujeito na percepção da linguística textual; verificar quais os critérios dispostos para a adequação da linguagem e a formação do leitor-ideal na perspectiva do discurso como texto, prática discursiva e prática social, por meio da Análise do Discurso Crítica (ADC), postulada por Fairclough (2001); apresentar qual o perfil ideal de revisor de texto na perspectiva de Rocha (2012); apresentar conceitos sobre texto e gênero textual como práticas discursivas da linguagem (KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2008); caracterizar o gênero textual do jornal *Aqui DF* bem como apresentar noções sobre recursos semióticos.

Para realizar a análise deste trabalho, utilizamos o procedimento metodológico de pesquisa bibliográfica baseada em Gil (2002), com coleta de dados do jornal impresso durante uma semana. Por fim, esta pesquisa justifica-se no sentido de examinar determinado tipo de gênero textual, que permitirá verificar os diversos aspectos que compõem o texto, além de buscar compreender a atuação do revisor na adequação da linguagem a um público específico.

2 CONFIGURAÇÃO DO LEITOR

De acordo com Koch (2003), há três perspectivas de noção de sujeito que a língua apresenta: a) o psicológico que é individual, dono de sua vontade e ações; b) o assujeitado uma espécie de não consciência, esta é produzida de fora para dentro (POSSENTI, 1993, apud KOCH, 2003, p. 14); e o interacional, o qual tem a língua como espaço de interação dialógica, é um “sujeito social, histórico e ideologicamente situado”, nesse caso são considerados os âmbitos sociais em que ele atua.

Como o sujeito não está único e isoladamente no meio social, lógico que este sofrerá interferência na sua visão de mundo, pois ele se constitui de modo identitário na relação com o outro, logo, não é totalmente dono de si nem passivo, pois, conforme Marcuschi (2008, p. 70), “o sujeito não é a única fonte de sentido, ele se inscreve na história e na língua”.

O fato de se construir historicamente dá a essa pessoa a capacidade de se desenvolver e adquirir sentido por meio de sistemas simbólicos, os quais o representam. Nesse sentido,

Woodward et al. (2000) descreve esse aspecto como a identidade do sujeito e aquilo que é “contrário” a si é visto como a diferença.

Para a autora, não é fácil definir identidade, pois essa conceituação envolve diversos aspectos em torno do contexto situacional e social do indivíduo. Com isso, podemos relacionar esses aspectos ao que Fairclough (2001, p. 91) destaca como discurso, que tem papel fundamental nessa formação, apresenta aspectos constitutivos que se relacionam a essa construção de identidades sociais que são a posição do sujeito, a construção das relações sociais entre as pessoas e a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Assim, a partir dessa prévia noção, podemos visualizar que:

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação. (RUTHERFORD, 1990, p. 19-20 apud WOODWARD et al., 2000, p. 19).

O veículo de comunicação de mídia impressa, situado nesse processo de mudança histórica, social e de linguagem, também caminha nessa parceria com as transformações globais ocasionadas no perfil e na identidade do sujeito. Fato este podemos visualizar no jornal *Aqui DF*, o qual tem o foco da notícia direcionada para um público específico do Distrito Federal e regiões do entorno.

O jornal *Aqui DF* faz parte do grupo denominado Diários dos Associados. Esse grupo veicula – na Capital, e regiões do entorno e também em outros estados – diversos tipos de jornais com a direção para determinados perfis de leitor, por exemplo, o *Correio Braziliense*.

O perfil do leitor-ideal do *Aqui DF* configura-se na identidade do sujeito da Classe de renda C da Capital Federal, cidades-satélites e entorno, o qual está em ascensão econômica e social e, por isso, possui um potencial de consumo².

De acordo com Maranhão (2011), o perfil da Classe C tem relação não somente com a questão econômica, mas também com o nível de escolaridade. Sobre esse aspecto, ele destaca que:

[...] esses jovens da classe C obtiveram nível de instrução formal maior que seus pais; conseqüentemente desempenham atividades profissionais mais intelectualizadas e têm uma remuneração superior. Só para se ter uma ideia da

² DIÁRIO DOS ASSOCIADOS. **Aqui DF**. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculo_s.php?co_veiculo=24> Acesso em: 14 abr. 2016.

dimensão desse fenômeno, de cada 100 jovens desse grupo social, 68 estudaram mais do que os pais³.

Podemos perceber que a identidade para existir precisa de algo fora dela (WOODWARD, 2000). Aqui, no caso do leitor-ideal⁴, a identidade e as diferenças são marcadas pela divisão simbólica em relação a qual classe social o sujeito está inserido, estas são as diferenças, se A, B, C, D ou E; e a identidade se refere a qual classe o sujeito é identificado.

Com isso, a partir da configuração do leitor-ideal, será possível compreender como se dá o processo de adequação da linguagem, quais as escolhas realizadas pelo revisor/editor do objeto deste trabalho.

2.1 Revisor/editor de texto e a atuação

Atuar como revisor de texto é estar numa linha tênue, pois, como de costume e tradicionalmente visto, esse profissional possui o dito perfil de fiscal da língua.

Por esse motivo, é comum depararmos com queixas de escritores quanto às intervenções realizadas pelo revisor. Tais atos contêm críticas que vão desde o desconhecimento do revisor, com o sentido de despreparo e insensibilidade devido à adequação ou intervenção feita por ele, até a “exigência” do autor do texto de se expressar da forma como deseja. Retratando tais manifestações, assim fizeram Rubens Alves e Marcos Bagno:

Rubens Alves⁵:

Eles têm o poder para baixar leis sobre como as palavras devem ser escritas e sobre como elas devem ser ajuntadas. Seu poder vai ao ponto de poderem estabelecer que uma certa palavra existe ou que tal palavra não existe.

[...]

Os revisores são seres obedientes: cumprem e fazem cumprir as leis ditadas pelos gramáticos.

[...]

Deve ser terrível viver o tempo todo sob a tirania das leis dos gramáticos e sob a tirania do texto do autor a que eles têm de se submeter, sem dar sua contribuição pessoal. Afinal de contas o revisor não gosta de ser revisor. Ele queria mesmo era ser escritor.

³ MARANHÃO, E. **A nova cara do Brasil**: jovens da Classe C conquistam mercado de trabalho qualificado. Disponível em: <<https://dialogospoliticos.wordpress.com/2011/01/23/a-nova-cara-do-brasil-jovens-da-classe-c-conquistam-mercado-de-trabalho-qualificado/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

⁴ Caracterizado, conforme Iser (1996, p. 65-73 apud DÓRIA, 2013, p. 120), dentre os vários tipos de leitor, como sendo o “leitor intencionado (ou a ideia do leitor que se formou na mente do autor)”.

⁵ ALVES, R. Sobre gramáticos e revisores. **Portal aprendiz**. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br>>. Acesso em 8 ago. 2015.

Marcos Bagno⁶ (2009, p. 14):

[...] os revisores que trabalham nas nossas editoras pertencem a uma seita secreta com a missão de boicotar ao máximo o português brasileiro, impedir que ele se consagre na língua escrita, para preservar tanto quanto possível a norma-padrão obsoleta que eles julgam ser a única forma digna de receber o nome de “língua portuguesa”.

A partir dessas manifestações, com o olhar em relação ao perfil do revisor de texto, Rocha (2012) destaca que devido à visão grafocêntrica o revisor passou por muito tempo limitado e “apegado” a característica formal, ou seja, com o foco na escrita (visão monomodal).

No entanto, o mencionado autor propõe que, com uma análise mais crítica que privilegie o gênero textual⁷, esse profissional deve ter uma avaliação mais aprofundada quanto aos elementos que compõem o texto.

De acordo com Rocha (2012), esses elementos são referentes aos aspectos discursivos e contextuais aos quais o texto é produzido e direcionado. Sobre esse fato, o autor destaca que a criticidade do revisor extrapola a ação limitada à correção de erros, pois “devem ser considerados outros recursos semióticos (não verbais) também responsáveis pela construção de sentido e efeitos discursivos em contextos sociais” (ROCHA, 2012, p. 20).

Desse modo, em visão contrária ao dito pelos escritores acima, Rocha (2012) enfatiza que quando o revisor atua de modo mais amplo levará em consideração as camadas discursivas, ideológicas e multimodais do gênero discursivo.

No entanto, a partir dessa apresentação das duas visões referentes ao revisor, tanto a grafocêntrica quanto a multimodal, atualmente nos deparamos com a atuação do revisor limitada ou inexistente nas redações de jornais. Essa atividade, antes “restrita” ao profissional de revisão, transferiu-se e acumulou-se para o editor de textos, o qual detinha atividade diferencial em relação ao revisor.

Segundo Mercante (2015, p. 15), na mídia impressa:

[...] é o editor que determina o enfoque do material, o espaço que ele merece, o tamanho e o sentido de um título e a sua importância na página. É o que Clóvis Rossi (1980) chama de filtros pelos quais passa o material produzido.

Antes esse material percorria por três “mãos”: o repórter (responsável pela escrita da

⁶ BAGNO, M. Deixem eu ser brasileiro! **Caros Amigos**. São Paulo, n. 143, p. 14, fev. 2009.

⁷ Conforme Marcuschi (2014, p. 155), gêneros textuais “apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”.

matéria), o editor e, por fim, o revisor, porém com a diminuição do quadro de revisores nas redações, tanto o repórter quando o editor acumularam essa incumbência de revisar. Conseqüentemente comprometendo na qualidade do material publicado.

De acordo com Dejavite e Martins (2006, p. 24), essa situação é ocasionada devido à informatização que os jornais passaram a partir dos anos 1980, que sobre essa mudança as autoras destacam que: “a informatização das redações foi, ao mesmo tempo, resultado da nova demanda social e a forma mais eficiente encontrada pelas empresas jornalísticas para diminuir seus gastos”.

Com isso, mesmo com a restrita ou inexistente presença do revisor, quando há nas redações de jornais, a figura desse profissional, segundo Mercante (2015), está somente para uma atuação “pedagógica” de apontamento de erros para que assim sejam evitados.

3 NOÇÕES DE TEXTO E GÊNERO TEXTUAL

3.1 Texto

Diferentemente do que muitos avaliam o texto como algo extenso, com linguagem formal, que requer um domínio maior de compreensão, podemos desmistificar que para caracterizar se algo é visto como um texto, independe de sua extensão ou nível de linguagem, se formal ou informal, se oral ou escrito. Pois o que cabe a ele é a sua “discursividade, intelegibilidade e articulação que ele põe em andamento” (MARCUSCHI, 2014, p. 89).

Um texto é resultado da ação linguística, na qual estabelece a relação de construção e constituição de sentidos. É um espaço de interação e prática social entre os sujeitos, nesse caso o texto configura-se como um objeto empírico, como “produções linguísticas atestadas que realizam uma função comunicativa e se inserem numa prática social” (COUTINHO, 2004, p. 29 apud MARCUSCHI, 2014, p. 82).

Koch (2003, p. 22) destaca que, nessa atividade verbal, os elementos linguísticos são construídos intencionalmente para estabelecer a interação entre os sujeitos aos quais o objeto será direcionado. Ou seja, “permite aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com as práticas socioculturais”.

Logo, a partir dessa apreensão, podemos progredir para compreender as formas textuais em que os textos se manifestam, no caso, os gêneros textuais.

3.2 Gênero textual

Há um aspecto bastante importante no qual este trabalho é delineado, que se trata, conforme anteriormente frisamos, da questão da atuação do revisor de textos em relação à adequação da linguagem no jornal a ser analisado. Essa adequação surgiu a partir da percepção de que esse profissional deve ter em relação ao conhecimento dos diversos tipos de gêneros textuais e esses possuem, sim, um determinado nível de linguagem.

Sobre isso Rocha (2012, p. 117) propõe, a partir desse entendimento, uma abordagem de formação de revisores não de textos, mas sim de gêneros, no caso com observação à Teoria de Gêneros Textuais. Pois, conforme o autor, “revisar texto, tendo em vista essa teoria, significa conhecer sua natureza, sua forma de ação social e os múltiplos sentidos que os constituem”.

Assim, os gêneros textuais são textos presentes e materializados no dia a dia, “apresentam padrões sociocomunicativos, são característicos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizado na integração de forças sociais, institucionais e históricas” (MARCUSCHI, 2014, p. 155). Isto é, expressam-se em contextos diversos.

Por está em contextos diferentes, isso influenciará no suporte que veiculará o texto, ou seja, qual base física ou virtual circulará o gênero. E, conseqüentemente, determinará qual público bem como o seu domínio discursivo, que se relaciona à esfera da vida social ou institucional dos indivíduos (MARCUSCHI, 2014).

4 DO DISCURSO AOS RECURSOS SEMIÓTICOS

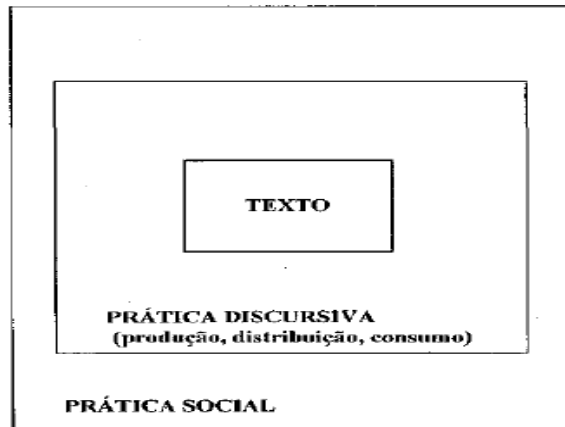
4.1 Discurso

Ao postular a Análise do Discurso Crítica (ADC), Fairclough (2001) apresenta uma teoria voltada para o estudo, de forma crítica, do uso da linguagem a partir de uma concepção, que envolve o texto, a prática discursiva e a prática social, como meios que atingem, constroem, transformam, dominam os grupos sociais. Desse modo, a ADC considera não somente o texto escrito, mas também toda e qualquer relação dialética presente no objeto, verbal ou não.

Desse modo, Fairclough (2001), no Quadro Tridimensional, relaciona o texto a uma prática discursiva e social da linguagem, cujo discurso tem como função a construção de

identidades sociais bem como determinar a posição do sujeito.

Figura 1 – Quadro Tridimensional.



Fonte: Fairclough (2001, p. 101).

Como o texto, em uma tradição, possui análise voltada para o aspecto formal, o autor traz nesse Quadro a percepção de que, por meio desse objeto, podemos entender sobre a concepção de prática social, que envolve o modo de produção ativo (comum) partilhado entre determinados membros de grupos sociais, e a prática discursiva, que é a linguagem articulada e trabalhada para atingir seu propósito discursivo.

Porém, para alcançar esse propósito, Fairclough (2001) apresenta três aspectos que fazem parte desse processo de construção da informação em que o discurso se apresenta:

- Produção – relaciona-se às posições que podem ser ocupadas pela mesma pessoa ou diferentes que estão envolvidas no texto.
- Distribuição – representa o modo como é “circulado”. Simples, por uma conversa individual; ou complexo, com diferentes domínios institucionais, por exemplo. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 108).
- Consumo – será a quem é destinado o texto, podendo ser a um público individual ou coletivo.

Com esse Quadro, já podemos analisar previamente o modo com que o objeto de pesquisa deste trabalho é construído, que no início delimitamos qual público o jornal é direcionado (quem consome é a Classe C), a sua identidade, quem o produz ou escreve, no caso o editor/revisor, e quais os tipos de esferas dos domínios discursivos ele circulará.

4.2 A caracterização do gênero textual do jornal *AQUI DF*

Por ser um veículo de comunicação diária, a mídia impressa atende certa demanda que exige atenção na seleção de quais tipos de informações serão circuladas de acordo com o perfil do jornal. Nesse sentido, requer escolhas de mecanismos que envolvem o processo de atração do leitor e o de compra.

A atração do leitor pela notícia liga-se ao uso da linguagem apresentada bem como aos recursos de imagens dispostos, e o de compra relaciona-se ao valor de venda para que seja acessível.

O jornal *Aqui DF* caracteriza-se como gênero textual com discurso sensacionalista, pois explora notícias como roubo, crimes, acontecimentos extraordinários diários. Esse discurso desperta a curiosidade do leitor pelo fato de explorar diversos tipos de recursos visuais e linguísticos a fim de concretizar o efeito discursivo da informação. (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995).

Esse gênero é visto como sensacionalista, pois o

[...] modo de produção discursivo da informação de atualidade é processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução de real social. (PEDROSO, 1983 apud ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 14).

Em relação ao tipo de linguagem, o gênero sensacionalista pode fazer uso de modo coloquial, com emprego de gírias e até palavrões, dependendo do tipo de jornal.

No jornalismo, esse gênero textual é considerado como uma prática comumente utilizada pelo meio, e é conhecida como *Fait Divers*, um termo francês que traduzido em português significa notícias diversas (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995). Logo:

O *fait divers* como informação auto-suficiente traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar um efeito de algo vivido no crime, no sexo e na morte. Conseqüentemente, provoca impressões, efeitos e imagens (que estão comprimidos nas formas de valorização gráfica, visual, espacial e discursiva do *fato-sensação*). (PEDROSO, 2001, p. 106 apud TEIXEIRA, 2011, p. 28).

Por fim, Teixeira (2011, p. 35) destaca que esse gênero textual, para atrair a atenção do leitor, sustenta-se no aspecto psicológico pelo fato de explorar as sensações dos indivíduos.

4.3 Os recursos semióticos

Conforme visto anteriormente, o jornal impresso ou virtual utiliza recursos semióticos que despertam a atenção do leitor de modo que cause impacto e curiosidade para a sua aquisição. Esse aspecto ocorre a partir da valorização de recursos gráficos, com cores e fontes chamativas, bem como com a acentuação da mensagem da imagem visual (no caso as ilustrações).

Antigamente, nas práticas de linguagem, era priorizada a visão monomodal do texto, em que somente o signo escrito era enfatizado em qualquer veículo de comunicação, devido à tradição grafocêntrica. No entanto, após estudos que exploram os recursos semióticos verbais e não verbais, os objetos discursivos passaram a produzir mudanças na sua composição e evidenciaram a imagem visual (ROCHA, 2012).

Essa mudança, com o foco na multimodalidade, segundo Kress e van Leeuwen (2001 apud ROCHA, 2012, p. 173):

[...] “preocupa-se com os significados relativos a interesses e motivações do produtor do signo em um contexto social específico. Aí os recursos semióticos (fala, escrita, gesto, imagens visuais, olhar etc.) são selecionados, produzidos, regidos (interagidos), adaptados por meio de regras, distribuídos, recebidos, interpretados e reproduzidos (criação de novos significados), formando uma peça discursiva, em um processo contínuo de recepção e interpretação de signos”.

Assim, aliado à ADC, os recursos multimodais visam também analisar e compor a relação que a linguagem verbo-visual possui com os aspectos discursivos e sociais que envolvem o objeto discursivo. Logo, a teoria da multimodalidade considera as características culturais e estruturais que são utilizadas para produzir significado. Por exemplo, a cor, para van Leeuwen (2011)⁸, não significa isoladamente nada para o indivíduo, porém o que importa é o que as pessoas fazem com ela para produzir representações no mundo, para interagir interpessoalmente e para veicular comunicação.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE

Para realizar a pesquisa deste trabalho, foram coletadas, durante uma semana, no período de 7/12/2015 a 10/12/2015, publicações impressas do jornal *Aqui DF*. No entanto,

⁸ VAN LEEUWEN, T. The language of colour: na introduction. London: Routledge, 2011. p. 120. Resenha de: YARED, M. L. de M. The language of colour: na introduction. **Discursos Contemporâneo em Estudo**. s/ano. p. 227-232.

dentro dessa coleta, foram selecionadas três publicações por apresentarem maior distinção entre as demais.

No jornal há uma equipe formada por revisores e editores de texto.

O objetivo, conforme delineado até o momento, é compreender como é atraído o leitor-ideal a partir da adequação da linguagem das manchetes e chamadas referentes às principais notícias publicadas na capa do objeto. Além desse aspecto, também faremos associações das chamadas das manchetes com as notícias relacionadas a elas.

Esta pesquisa é definida como bibliográfica, pois

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] além de publicações periódicas que são aquelas editadas em fascículos, em intervalos regulares ou irregulares, com a colaboração de vários autores, tratando de assuntos diversos, embora relacionados a um objetivo mais ou menos definido. As principais publicações periódicas são os jornais e as revistas. Estas últimas representam nos tempos atuais uma das mais importantes fontes bibliográficas. Enquanto a matéria dos jornais se caracteriza principalmente pela rapidez, a das revistas tende a ser muito mais profunda e mais bem elaborada. (GIL, 2002, p. 45).

Antes de realizarmos a análise cabe apresentar os componentes que estruturam o jornal impresso.

Figura 2: Classificação dos elementos do jornal impresso



Fonte: Pescando Letras⁹.

⁹ ARANTES, A. de O. Gênero Textual Jornal (Parte II). **Blog Pescando Letras**. Disponível em: <<http://pescandolettras.blogspot.com.br/2012/05/genero-textual-jornal-parte-ii.html>> Acesso em: 17 mai. 2016.

5.1 Análise

1ª Publicação: Brasília, segunda-feira, 7 de dezembro de 2015.

Capa



Matéria relacionada à manchete da capa



Nesta publicação, podemos avaliar diferentes tipos de uso da linguagem, em que na manchete se prioriza o modo coloquial, com artifícios do uso de gírias, com peculiaridades

regionais, como *deu ruim* (gíria carioca que significa não funcionou, deu errado¹⁰) e *busão* (variante de ônibus), comumente presente na fala do indivíduo. A gíria é classificada como variação diatópica, na qual esta é vista a partir dos diferentes falares das regiões de um mesmo país (ILARI e BASSO, 2009). Além do maior chamamento para essa manchete que é evidenciado com a distinção do tamanho da fonte e com cor evidente.

Na chamada, verificamos uma oscilação entre o uso de linguagem formal e coloquial. Entre a manchete e a chamada da capa, podemos verificar três usos de sinônimos para caracterizar o transporte: *busão*, *ônibus* e *coletivo*. Essa variação faz parte do sistema linguístico no qual se observa o seu uso a partir do estrato social ou nível de escolaridade. Esta é vista como variação diastrática (ILARI e BASSO, 2009). Esse recurso pode ter sido utilizado para que não houvesse a repetição de uma mesma palavra no mesmo campo.

Nessa chamada, também verificamos os diferentes usos para informar sobre o sujeito, autor do assalto, que especifica ser um indivíduo do sexo masculino, ao identificá-lo *homem*, o qual é jovem *rapaz* e que é audacioso *cabra*. A palavra *cabra* possui uma acepção histórica e cultural para os brasileiros. Primeiramente, por ser originária da expressão *cabra da peste* ou *cabra da peia*, a qual é tradicionalmente falada na região Nordeste, e também “é usada para designar o sujeito destemido, mas também pode ser dita em tom de ofensa, quando a valentia vira prepotência”¹¹. Além do mais, o folclorista Cascudo (2001) destaca que “peste” relaciona-se ao animal cabra pela sua má fama dentre os sertanejos, pois sua aparência é associada ao diabo.

Na notícia, presente na sessão Cidades, no título há a presença de coloquialismo, com uso de gíria “baú” outra variante para designação de transporte, a qual faz parte do vocabulário dos falantes do Distrito Federal. Nesta explora-se o recurso de imagem, na qual apresenta os objetos que foram frutos do assalto.

Passando para o uso da linguagem, percebemos uma desassociação quanto ao tipo de léxico utilizado. O texto da notícia constrói-se com elementos formais da linguagem escrita, sem resquícios de marca de coloquialismo. As cores das fontes não possuem vinculação no quesito de associação da capa com a notícia.

¹⁰ FILGUEIRAS, M. As novas gírias que prometem pegar de vez os cariocas durante o verão. **O Globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/as-novas-girias-que-prometem-pegar-de-vez-os-cariocas-durante-verao-6875429#ixzz48xnUvEsS>> Acesso em: 17 mai. 2016.

¹¹ COMO SURTIU A EXPRESSÃO "CABRA DA PESTE"? **Mundo Estranho**. Disponível em: <<http://mundo-estranho.abril.com.br/materia/como-surgiu-a-expressao-cabra-da-pestes>>. Acesso em: 17 mai. 2016.

2ª Publicação: Brasília, terça-feira, 8 de dezembro de 2015.

Capa



Matéria relacionada à manchete da capa



A manchete desta publicação segue também a mesma linha da anterior, com o

chamamento do leitor por meio da variação de cores e tamanho da fonte. Com maior destaque para a expressão *Vovô trambiqueiro*. O léxico utilizado da linguagem coloquial é mais ameno, no entanto há ocorrências de expressões idiomáticas no sentido de expressar algumas ações do sujeito, como: *roda e furava fila*.

O destaque maior para o título *Vovô trambiqueiro* faz juízo de valor quanto à figura do idoso, pois, devido a uma visão de senso comum, a pessoa nessa faixa etária é vista como frágil, bondosa e sensível. Até o uso da palavra *vovô*, como eufemismo, remete ao trato de uma linguagem infantil. O adjunto adnominal *trambiqueiro*, como disfemismo, aparece como uma linguagem rude, chocante, a qual apresenta a real face do sujeito.

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss, *trambiqueiro* significa “indivíduo que aplica ou dá trambique(s); golpista, vigarista”; e no Dicionário Informal¹² tem maior aproximação com o descrito na manchete da capa, ao classificar como: “[...] aquela pessoa que faz negócios com qualquer objeto, negocia até a mãe se deixar. Mas sempre levando a melhor, sempre enganando o outro”. Vemos que o autor da ação negociava lugares na fila por meio de propina e até bebida alcoólica, como *uísque*. Nesse sentido podemos, supostamente, avaliar, por meio das escolhas lexicais, quais são as fontes de pesquisa do profissional da redação.

Espertinho e cara de pau também fazem juízo de valor pelo fato de o *vovô* ter utilizado desse estereótipo, socialmente construído, para se valer de práticas delituosas, logo desmistificando novamente essa figura.

Outra questão que chama atenção é a substituição de um possível estrangeirismo por uma versão aportuguesada, é caso de *uísque*, grafado, conforme a língua inglesa, Whisky ou Whiskey¹³, essa troca remete à transcrição da fala para a escrita, ao transferir a realização sonora para a gráfica (MARCUSCHI, 2010), a qual torna possível a leitura por parte do leitor.

Com a troca do lugar na fila por uma garrafa de uísque, podemos considerar, por uma questão social, de contexto e posição do sujeito, de algo de difícil acesso economicamente, pois essa bebida possui variação de preços, os quais costumam ser bastante altos e também a constante presença de fabricação falsificada dela.

Ao sermos direcionados para a notícia, ela está presente na sessão Polícia. Novamente, conforme a primeira análise, o texto apresenta-se sem marcas de coloquialismo, com a linguagem escrita formal. Em nenhum momento, na notícia, o texto faz uso do léxico

¹² DICIONÁRIO INFORMAL. **Trambiqueiro**. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/trambiqueiro/>>. Acesso em: 18 mai. 2016.

¹³ LONGMAN DICTIONARY of Contemporary English Advanced Learner's Dictionary. **Whisky**. Disponível em: <<http://www.ldoceonline.com/dictionary/whisky>> Acesso em: 18 mai. 2016.

de juízo de valor do aposentado.

Chama a nossa atenção, na notícia, o uso do recurso da cor **verde** como plano de fundo. Como é de conhecimento no meio acadêmico, essa tonalidade faz referência à identificação dos profissionais da saúde: médicos, enfermeiros, nutricionistas, psicólogos. Na questão do sujeito da ação, ele trabalhou no hospital com a função de padioleiro (carregador de macas).

3ª Publicação: Brasília, quarta-feira, 9 de dezembro de 2015.

Capa



Matéria relacionada à manchete da capa



Diferentemente das demais publicações, nesta o jornal faz uso de linguagem tanto verbal quanto não verbal, com variações de cores e tamanhos do formato da fonte, apresenta a fotografia, como forma de identificação de como são as cápsulas do remédio,

Não há tanta ênfase do uso de linguagem coloquial, apenas uma expressão usualmente presente na fala *espírito de porco*.

O uso da cor **vermelho**, como recurso semiótico, em *falsa cura do câncer* na manchete, representa o perigo da ação cometida, podendo comprometer o agravamento da doença ou até causar a morte de pacientes, por isso, no final da chamada, a expressão *Olha o perigo!*

Essa cor tem várias significações quanto ao fator de despertar os sentidos entusiásticos e impulsivos da natureza humana, como paixão, desejo, fome, perigo. Podemos assim relacionar esse aspecto à intencionalidade do gênero sensacionalista provocada no leitor. Tal gênero, conforme exposto anteriormente, sustenta-se também no aspecto psicológico devido explorar as sensações dos indivíduos.

Quanto à ação de fabricar medicamentos falsificados, é levado a considerar que alguém que pratica tal ação possui *espírito de porco*, conforme descrito na manchete acima.

Essa expressão *espírito de porco* origina-se da má fama que o animal possui, devido aos maus hábitos higiênicos e alimentares. No contexto religioso, por descrições bíblicas, é relacionado ao pecado.

Ao sermos direcionados para a notícia, ela apresenta-se na sessão Polícia, e novamente vemos distinção em relação às demais analisadas. Há a presença da cor **vermelho** como destaque no título, porém este é mais contido em relação ao tamanho da fonte. Não há presença de linguagem coloquial, não remete a qualquer tipo de expressão presente na capa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a linguagem não significa meramente selecionar aleatoriamente os itens lexicais e dispô-los para o leitor. Como visto, o trabalho com textos jornalísticos, em especial com o gênero sensacionalista, há um jogo de *marketing* e de atração pela linguagem de modo que o público-alvo, para o qual o jornal é direcionado, seja fisgado. Assim, a partir dessa fidelização, e sendo o leitor algo formado intencionalmente pelo autor, ocorre a construção do leitor-ideal.

O recurso da linguagem coloquial tem como função tornar o jornal mais próximo possível do leitor. Dias (1996) destaca que essa aproximação tem como objetivo, baseado na

leitura, transformar o texto em uma conversação comum que ocorre no cotidiano. Por esse motivo, existe a adequação da linguagem por parte do editor/revisor.

Outro quesito sobre a linguagem, vimos a desassociação desta apresentada tanto na capa (manchete e chamada) quanto na notícia, esse aspecto demonstra a heterogeneidade discursiva, além de, na notícia, prezar por uma norma formal de acordo com os princípios normativos da língua escrita (DIAS, 1996).

Quanto à análise do discurso, percebemos claramente o juízo de valor feito por meio do emprego do léxico direcionado aos personagens das notícias, pois assim determina qual tipo de esfera do domínio discursivo circulará o jornal. Isso tem relação com questão social e culturalmente estabelecida na sociedade. Léxicos assim fazem parte do imaginário social, identifica e subjulga quanto à ação do sujeito e à sua posição no meio social.

Os recursos impactantes, característicos desse tipo de gênero, são vistos como recursos semióticos no sentido de atrair o leitor. O uso de fontes e cores chamativas bem como de fotografias são artifícios multimodais utilizados para compor a linguagem verbo-visual que envolve o objeto analisado. Como exemplo, na 3ª Publicação, utiliza a cor **vermelho** para evidenciar a manchete, porém, conforme van Leeuwen (2011), a cor sozinha não representa nada no discurso. Mas devido à construção social do que ela representa, faz com que o leitor deduza que tal ação possui caráter perigoso, no caso, põe em risco a vida de enfermos que utilizam o medicamento.

Por último, como o foco principal deste trabalho é por em evidência a atuação do revisor/editor de textos, reafirmamos a importância desse profissional no quesito do manejo com a linguagem. Desde a construção do perfil do leitor até os mecanismos para o atrair, é primordial que o revisor/editor seja imbuído de uma criticidade que não somente se apegue aos aspectos normativos da linguagem, mas compreenda o texto como um todo indivisível. Pois, como vimos neste trabalho, para que seja atendido o propósito, deve-se levar em consideração o discurso, o gênero e os aspectos multimodais.

ABSTRACT

This work seeks to introduce the creation of the reader-ideal for middle of the appropriateness of the language of the paper here DF and what are the criteria used for this purpose. For this, it was necessary to have a theoretical contribution in order to understand the notion of subject from linguistic concepts, see the text as discursive and social practice of language by Critical discourse analysis (CDA), define notions of text and textual genre, because, after this setting, if you have support for that reviewer/editor to act in order to meet the target audience of the newspaper. In order to get the results of the objective of this research, bibliographic method was used, with collection of printed publications of the journal in which the research upheld

in studying the cover (headline and call key) and related news to her. From there, it was observed that the lexicon of the newspaper is not selected randomly and, due to the characterization of the genre, the proofreader should stick to a performance review to consider the speech, the genre and the multimodality.

Key words: Reader-ideal. Reviewer of text. Textual genre. Critical Discourse Analysis (CDA).

REFERÊNCIAS

ALVES, R. Sobre gramáticos e revisores. **Portal aprendiz**. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br>>. Acesso em: 8 ago. 2015.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ARANTES, A. de O. Gênero Textual Jornal (Parte II). **Blog Pescando Letras**. Disponível em: <<http://pescandolettras.blogspot.com.br/2012/05/genero-textual-jornal-parte-ii.html>> Acesso em: 17 mai. 2016.

BAGNO, M. Deixem eu ser brasileiro! **Caros Amigos**. São Paulo, n. 143, p. 14, fev. 2009.

CASCUDO, L. da C. Dicionário do Folclore Brasileiro. **Cabra**. 10. ed. São Paulo: Ediouro, 2001.

COMO SURTIU A EXPRESSÃO "CABRA DA PESTE"? **Mundo Estranho**. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiu-a-expressao-cabra-da-pesto>>. Acesso em: 17 mai. 2016.

DEJAVITE, F. A.; MARTINS, P. C. O revisor de texto no jornal impresso diário e seu papel na sociedade da informação. **Comunicação e Inovação**. Julho/dezembro, 2006.

DIÁRIO DOS ASSOCIADOS. **Aqui DF**. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=24> Acesso em: 14 abr. 2016.

DIAS, A. R. F. **O discurso da violência**: as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Trambiqueiro**. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/trambiqueiro/>>. Acesso em: 18 mai. 2016.

DÓRIA, L. M. F. T. **Iser e as preliminares para uma Teoria da Estética do Efeito**. 2013. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/COMUNICACAO_2013/Publicacoes/GIPAEGE_PHEO/11-iser_preliminares_teorica_estetica_efeito_doria.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2016.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília/DF: Edunb, 2001.

FILGUEIRAS, M. As novas gírias que prometem pegar de vez os cariocas durante o verão. **O Globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/as-novas-girias-que-prometem-pegar-de-vez-os-cariocas-durante-verao-6875429#ixzz48xnUvEsS>> Acesso em: 17 mai. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Ed. Objetiva.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos dos textos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

LONGMAN DICTIONARY of Contemporary English Advanced Learner's Dictionary. **Wisk y**. Disponível em: <<http://www.ldoceonline.com/dictionary/whisky>> Acesso em: 18 mai. 2016.

MARANHÃO, E. **A nova cara do Brasil: jovens da Classe C conquistam mercado de trabalho qualificado**. Disponível em: <<https://dialogospoliticos.wordpress.com/2011/01/23/a-nova-cara-do-brasil-jovens-da-classe-c-conquistam-mercado-de-trabalho-qualificado/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MERCANTE, M. P. **Semelhanças e diferenças entre as atividades de revisão e edição de textos no jornalismo**. Monografia para curso de pós-graduação *lato sensu* em Revisão de Texto. UniCEUB, 2015.

ROCHA, H. **Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade**. Universidade de Brasília (UnB). Tese de Doutorado. 2012.

TEIXEIRA, M. R. **As propriedades do jornalismo sensacionalista: uma análise da cobertura do caso Isabella Nardoni**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social. Dissertação de Mestrado. 2011.

VAN LEEUWEN, T. The language of colour: na introduction. London: Routledge, 2011. p. 120. Resenha de: YARED, M. L. de M. The language of colour: na introduction. **Discursos Contemporâneo em Estudo**. s/ano. p. 227-232.

WOODWARD, K. et. al. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12. ed. Editora Vozes, 2000.

ANEXO A – 1ª Publicação: Brasília, 7 de dezembro de 2015

Capa



ANEXO B – 1ª Publicação: Brasília, 7 de dezembro de 2015

Matéria

CIDADES **aQui** 03
07/12/2015

▶ ASSALTOS NO BAÚ ◀

TIRO NO LADRÃO

Abordado quando fugia com pertences dos passageiros, homem troca tiros com a polícia e é baleado, na Estrutural. Ele morreu no local

Um assaltante de ônibus morreu e outro foi preso, em dois assaltos que ocorreram no dia de ontem, na Cidade Estrutural. Um dos suspeitos foi baleado à tarde. Uma equipe da Polícia Militar do DF (PMDF) viu o homem descer de um coletivo, que seguia no sentido Taguatinga, com uma sacola na mão e um revólver calibre .38 em punho. De acordo com os militares, o assaltante atirou contra os policiais, que revidaram. Um dos disparos acertou a perna do criminoso.

O Corpo de Bombeiros foi acionado para socorrer a vítima, que não resistiu aos ferimentos e morreu no local. A arma usada no assalto foi apreendida. O suspeito teria roubado dinheiro, celulares, joias e tênis dos passageiros.

Mais cedo, um jovem de 23 anos foi preso pelo mesmo crime. Ele ameaçou o cobrador de um ônibus com uma faca e conseguiu levar R\$ 198. Segun-

do informações da corporação, o homem entrou no coletivo, que passava pela Estrutural por volta das 8h, e anunciou o assalto. O dinheiro roubado estava com o cobrador da empresa São José. Em seguida, o rapaz fugiu do local.

Ao serem acionados, policiais militares patrulharam a região e conseguiram localizar o suspeito. O jovem foi reconhecido pelo cobrador e pelo motorista do coletivo. Ainda de acordo com a PM, o rapaz tem várias passagens pela polícia, inclusive por roubos anteriores a ônibus. Ele foi encaminhado para a 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul). Parte do dinheiro foi recuperado e a arma foi apreendida.

OBJETOS FORAM ENCONTRADOS COM O ASSALTANTE



PMDF/DIVULGAÇÃO

COS

ANEXO C – 2ª Publicação: Brasília, 8 de dezembro de 2015

Capa

aqui DF

R\$ 0,50

9771809-15851

Jovem é morto por colegas em unidade de internação de São Sebastião
PÁGINA 3

8
FOTO DO PRATO DO DIA
FRAGA DO DIA

VOVÔ TRAMBIQUEIRO RODA APÓS 15 ANOS

Ex-funcionário do Hospital Regional de Taguatinga, de 76 anos, é acusado de gerenciar esquema que furava fila de atendimento. Segundo a polícia, o espertinho cobrava até R\$ 150 de propina para passar a pessoa na frente. Uma garrafa de uísque também era aceita pelo cara de pau. É mole?

United, de Schweinsteiger (foto), tenta agarrar vaga nas oitavas da Liga dos Campeões
PÁGINA 14

Eurico Miranda assume culpa pela queda do Vasco, mas atira contra juizes e Dinamite
PÁGINA 16

LISANDRO LÓPEZ, NEÍLTON E PATO DÃO ADEUS A INTER, BOTAFOGO E SÃO PAULO
PÁGINA 15

ANEXO D – 2ª Publicação: Brasília, 8 de dezembro de 2015

Matéria

POLÍCIA

Q 08
BRASIL

▶ SAÚDE ◀

CRIME NA REDE PÚBLICA

Ex-funcionário de hospital de Taguatinga é preso, acusado de fraudar a fila de espera de procedimentos médicos, sob cobrança de propina. Ele já estava aposentado, mas seguia tendo acesso à unidade de saúde

Na Unidade Regional de Taguatinga (URT), há, pelo menos, 15 anos, pacientes zeravam o lugar na fila de espera de consultas, exames e cirurgias para quem pagava ao servidor público aposentado Anivaldo Pereira de Almeida, 76 anos, ex-funcionário da unidade de saúde. Segundo a Polícia Civil, após denúncia do comandante-geral da URT, Benedito Rocha Braga e oito meses de investigação, Almeida, como era conhecido, foi preso, preventivamente, em casa, ontem pela manhã. Ele é suspeito de cometer crimes como falsidade ideológica, falsa identidade (identificava-se como médico), advocacia pública civil, exercício de Departamento de Trânsito (Detran) e defesa pública, corrupção ativa e fraude em influências.

O acusado trabalhou por 30 anos na URT como padoleiro (cozinhador do moço) no hospital. Também atuou como chefe de gabinete. Estava aposentado há cerca de 5. Apesar disso, continuava a fraudar a fi-

le de espera. Segundo a polícia, ele utilizava a influência com os funcionários para selecionar pessoas que aguardavam determinados procedimentos. Apenas neste ano, foram 15 beneficiados. "Com a demora no atendimento da rede pública, inclusive, pessoas que vinham de outras unidades da Federação e cobrava entre R\$ 100 e

R\$ 150 para jobsô-las à frente. Com isso, levantou uma boa quantia. Fora disso, também pedo garrafas de uísque. Disse que precisava de um nível", disse o delegado-chefe substituto da 12ª Delegacia de Polícia (Taguatinga Centro), Fábio Costa dos Prazeres.

ESQUEMA FORTE
O delegado informou que

vários funcionários tinham conhecimento da ação de Almeida. Era corrompido pela prática e algumas pessoas até intermediavam o esquema. Como ele se vestia de branco, muitos acreditavam que se tratava de um médico. Almeida não tinha o cartão de crédito, por chefe de gabinete, além de ranchão funcional. Segundo a Polícia Civil, Benedito Braga proibiu a entrada do aposentado no centro médico e retirou o cartão de identificação dele. Mesmo assim, ele dava um jeito de circular pelo local.

Almeida também tinha passagens por furto e denúncia caluniosa. Está preso preventivamente, será interrogado e ficará à disposição da Justiça. As penas, somadas, podem passar de 40 anos. De acordo com o delegado Fábio, não há punição prevista para quem compra um lugar na fila. "Eles precisavam de atendimento e o tiveram. Pode ser que seja até mais fácil passar a frente dos outros, mas não existe previsão de crime", explicou.

TINHA ATESTADO TAMBÉM

Além do caso do pedoleiro, a 12ª DP identificou um esquema de fornecimento de atestado médico falso na URT. Oito foram indicados, entre eles, dois médicos da unidade de saúde – o clínico-geral Francisco Valterior de Araújo Lima Filho, 38 anos, e o oncologista Valdir Soares da Costa, 46 anos. De acordo com a Polícia Civil, os médicos atuam com contratos temporários e trabalhavam na local há dois anos.

Francisco havia sido indicado seis vezes pelo mesmo crime. O delegado Fábio informou que várias pessoas encomendavam os atestados sem estarem doentes. Elas entravam em contato com Francisco, que os emitia mediante pagamento. "Vamos aprofundar mais ainda as investigações. Com certeza, existem mais funcionários do hospital envolvidos", afirmou o delegado.

CRIMINE ROMBEU ESPÓLIO A PRESO



ANEXO E – 3ª Publicação: Brasília, 9 de dezembro de 2015

Capa



ANEXO F – 3ª Publicação: Brasília, 9 de dezembro de 2015

Matéria

POLÍCIA

▷ **FRAUDE COM MEDICAMENTOS**

Família vendia remédio falso contra o câncer

Cinco pessoas da mesma família são acusadas de comercializar remédios caseiros à base de uma substância conhecida como fosfoetanolamina – apontada como tratamento alternativo no combate ao câncer. O suspeito de ser o líder do grupo, Jonas Lutzer, foi preso na chácara onde mora, em Sobradinho. O irmão dele, Sérgio Gabriel Lutzer, detido no interior de São Paulo, comandava um laboratório clandestino naquele estado. Ele é citado pela Polícia Civil como

o responsável pela fabricação da fórmula, cuja unidade, suficiente para 30 dias de medicação, custava entre R\$ 150 e R\$ 180. O lucro mensal deles era de R\$ 900 mil. Segundo a polícia, a fórmula vendida pelos Lutzers teria sido furtada do laboratório da Universidade de São Paulo (USP), onde a droga é produzida, eventualmente, com autorização judicial. "Contudo, não sabemos se o remédio é eficaz. Além disso, os suspeitos pediam aos consumi-

dores que saíssem da quimioterapia. Isso é proibido e temerário, porque pode acelerar a morte do doente", informou o titular da Coordenação de Repressão aos Crimes contra o Consumidor, à Ordem Tributária e a Fraudes (Corf) Jeferson Lisboa. Familiares de pacientes com câncer que não conseguiam autorização da Justiça para comprar o remédio da USP eram atraídos por anúncios on-line. "Além de não ter autorização da

Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), a Universidade de São Paulo não conseguiria atender à demanda, por falta de estrutura. Então, conseguir o remédio informalmente era a saída", explicou o delegado.

LUCRO
 "Todo o esquema era feito em família. Parece que a ideia era trabalhar durante um ano, tirando quase R\$ 1 milhão por mês, e, depois, aposentarem-se", completou Jeferson. Equipamentos de produção e caixas

com fosfoetanolamina foram apreendidas pela Polícia Civil em São Paulo e serão trazidas para o DF para serem testadas e destruídas, caso se comprove a ineficácia delas. Foram 45 dias de investigação até a identificação dos suspeitos. Três suspeitos tiveram os mandados de prisão expedidos, mas, até agora, estão foragidos. Os acusados responderão pela venda de medicamentos sem autorização e por organização criminosa. A pena de cada um pode chegar a 23 anos de reclusão.



